

Texto 1

Mercado do desespero

Escolho a Índia, país maravilhoso, mas poderia escolher vários outros para trazer brevemente um dos problemas mais sérios da atualidade.

Falo do crescente comércio de órgãos humanos de doadores vivos que domina a cena global. O encontro entre carências e demandas vitais: no mercado. De um lado compradores, desesperados por sobreviver a doenças. De outro lado vendedores, desesperados por sobreviver à miséria. E uma organização no meio deles, anunciando o milagre, arregimentando fragilidades, negociando a mercadoria, viabilizando cirurgias, corrompendo consciências e controles, alimentando redes via Internet. De longe, governos minimizando ou negando que a barbaridade floresça em suas respectivas ilhas de tranquilidade e exceção.

Apesar da legislação, a Índia é o país de onde mais saem órgãos humanos para o exterior, em sua maioria já devidamente instalados no corpo de estrangeiros. A Organização Mundial de Saúde denuncia a prática, que envolve milhares de pessoas convencidas a vender rins ou córneas. Estudo recente mostrou a deterioração da saúde de 86% dos doadores indianos. Facilitam alguns valores culturais e a dominação masculina, levando a que mais de 70% dos doadores sejam mulheres. Muitas aceitam encenar casamentos com doentes, que as remuneram após conseguir o órgão, desfazendo a combinação em seguida. Vendem seus órgãos para pagar dívidas da família, para obter recursos para os estudos de um filho homem, para o dote da filha. Não parece história de novela?

Mas já em 2004 a Organização Mundial de Saúde reconhecia ser tragédia do mundo real e recomendava aos Estados-membro que promovessem medidas urgentes para proteger seus pobres e vulneráveis do “turismo para transplante”, dando a atenção devida ao tráfico internacional de órgãos.

(...) Em 2008 também o Papa exigiu ética em doações e transplantes e providências contra o que chamou de “abominável” tráfico humano.

1 - No começo do texto, a autora diz ter escolhido a Índia para tratar do problema do comércio de órgãos humanos. Tal escolha, segundo o primeiro parágrafo, se deve ao fato de que a Índia:

- (A) por ser um país maravilhoso, deveria ser uma ilha de tranquilidade e exceção.
- (B) vive em situação mais miserável que os demais países.
- (C) é o maior fornecedor de órgãos humanos de doadores vivos.
- (D) possui uma organização mais atuante que os outros países pobres.
- (E) é simplesmente um, entre vários países, que exemplifica o problema tratado.

2 - O “desespero” a que faz alusão o título abrange:

- (A) doadores e compradores.
- (B) doadores, compradores e organizadores.
- (C) doadores, compradores, organizadores e governos.
- (D) organizadores e governos.
- (E) somente compradores.

3 - “De longe, governos minimizando ou negando que a barbaridade floresça em suas respectivas ilhas de tranquilidade e exceção” (L.12-14). Segundo esse segmento, os governos referidos pautam sua atuação na:

- (A) falsidade ideológica.
- (B) hipocrisia política.
- (C) discriminação racial.
- (D) desonestidade comercial.
- (E) segurança policial.

Texto 2

Corrida contra o ebola

Já faz seis meses que o atual surto de ebola na África Ocidental despertou a atenção da comunidade internacional, mas nada sugere que as medidas até agora adotadas para refrear o avanço da doença tenham sido eficazes.

Ao contrário, quase metade das cerca de 4.000 contaminações registradas neste ano ocorreram nas últimas três semanas, e as mais de 2.000 mortes atestam a força da enfermidade. A escalada levou o diretor do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças) dos EUA, Tom Frieden, a afirmar que a epidemia está fora de controle.

O vírus encontrou ambiente propício para se propagar. De um lado, as condições sanitárias e econômicas dos países afetados são as piores possíveis. De outro, a Organização Mundial da Saúde foi incapaz de mobilizar com celeridade um contingente expressivo de profissionais para atuar nessas localidades afetadas.

Verdade que uma parcela das debilidades da OMS se explica por problemas financeiros. Só 20% dos recursos da entidade vêm de contribuições compulsórias dos países-membros – o restante é formado por doações voluntárias.

A crise econômica mundial se fez sentir também nessa área, e a organização perdeu quase US\$ 1 bilhão de seu orçamento bianual, hoje de quase US\$ 4 bilhões. Para comparação, o CDC dos EUA contou, somente no ano de 2013, com cerca de US\$ 6 bilhões.

Os cortes obrigaram a OMS a fazer escolhas difíceis. A agência passou a dar mais ênfase à luta contra enfermidades globais crônicas, como doenças coronárias e diabetes.

O departamento de respostas a epidemias e pandemias foi dissolvido e integrado a outros. Muitos profissionais experimentados deixaram seus cargos.

Pesa contra o órgão da ONU, de todo modo, a demora para reconhecer a gravidade da situação. Seus esforços iniciais foram limitados e mal liderados.

O surto agora atingiu proporções tais que já não é mais possível enfrentá-lo de Genebra, cidade suíça sede da OMS. Tornou-se crucial estabelecer um comando central na África Ocidental, com representantes dos países afetados.

Espera-se também maior comprometimento das potências mundiais, sobretudo Estados Unidos, Inglaterra e França, que possuem antigos laços com Libéria, Serra Leoa e Guiné, respectivamente.

A comunidade internacional tem diante de si um desafio enorme, mas é ainda maior a necessidade de agir com rapidez. Nessa batalha global contra o ebola, todo tempo perdido conta a favor da doença.

4 - Ao observar que o texto “Corrida contra o ebola” possui caráter argumentativo, pode-se afirmar que a tese, ou seja, a ideia central apresentada pelo autor, está MELHOR explicitada no seguinte fragmento:

- (A) “Já faz seis meses que o atual surto de ebola na África Ocidental despertou a atenção da “comunidade internacional” (1º§)
- (B) “mas nada sugere que as medidas até agora adotadas para refrear o avanço da doença tenham sido eficazes” (1º§)
- (C) “quase metade das cerca de 4.000 contaminações registradas neste ano ocorreram nas últimas três semanas” (2º§)
- (D) “O vírus encontrou ambiente propício para se propagar. ” (3º§)
- (E) “a Organização Mundial da Saúde foi incapaz de mobilizar com celeridade um contingente expressivo de profissionais para atuar nessas localidades afetadas. ” (3º§)

Texto CG2A1-I

1 A tecnologia, especialmente a Internet, exerce grande
 influência em vários segmentos do nosso dia a dia. Você já
 reparou que hoje assistimos a filmes e ouvimos músicas via
 4 computador e celulares com sistema operacional? Esses
 exemplos são só alguns que sofrem influência das novas
 tecnologias de informação e comunicação e que refletem no
 7 modo como consumimos entretenimento. A praticidade que as
 lojas virtuais oferecem para quem quer adquirir um produto é
 outro exemplo. Graças ao comércio eletrônico, bastam alguns
 10 cliques no *mouse* para você efetuar a sua compra.

O trânsito também é influenciado diariamente pelas
 novas tecnologias. O modo como trabalham as oficinas, como
 13 ensinam os centros de instrução de condutores e até como atua
 a legislação na fiscalização das infrações tem relação com os
 recursos proporcionados pelas ferramentas tecnológicas.

16 Graças a programas de computador avançados, a
 educação no trânsito passou por alguns avanços, como, por
 exemplo, a criação de um sistema de escola *online*, que traz
 19 controle de frequência, grade de conteúdo e disponibilidade de
 atividades e tarefas para alunos. Há, também, simuladores que
 atuam para aperfeiçoar a prática dos alunos na direção de um
 22 veículo.

Quem reside nas grandes cidades brasileiras sabe que é possível perder horas preciosas do dia em engarrafamentos intermináveis. O fato é que, quanto maior a cidade, melhor deve ser o planejamento urbano. Assim, algumas ferramentas da tecnologia podem dar uma mãozinha: controle de semáforos por meio de sensores que percebem a presença de veículos e regulam o funcionamento do semáforo conforme o fluxo de tráfego, de forma a evitar o acúmulo de carros; monitoramento remoto por câmeras de alta resolução com capacidade de captar infrações às leis de trânsito, tais como não utilização de cinto de segurança, estacionamento em local indevido e excesso de velocidade; análises de tráfego (por exemplo, ruas onde passam mais veículos de carga, horários em que determinada via apresenta maior fluxo de veículos etc.).

Seja para a educação de pedestres e motoristas, seja para quem quer iniciar um investimento no ramo automotivo, as ferramentas tecnológicas atuais estão aí para trazer mais facilidade. Portanto, se você é (ou pretende se tornar) um profissional que atua nesse segmento, deve, sempre, estar atualizado com as novidades tecnológicas criadas para essa área.

Como a tecnologia influencia o trânsito. 19/9/2019.
Internet: <plox.com.br> (com adaptações).

5 - O tema central do texto CG2A1-I é

- (A) a criação de um novo segmento profissional.
- (B) a possibilidade de educar pedestres e motoristas para o trânsito.
- (C) a influência das ferramentas tecnológicas em várias atividades humanas, inclusive no tráfego.
- (D) a substituição dos meios de comunicação tradicionais pelas tecnologias da informação e comunicação.
- (E) a forma como se deve lidar com o trânsito nas grandes cidades brasileiras.

6 - Conclui-se do texto CG2A1-I que

- (A) o habitante das grandes metrópoles não se preocupa com a perda de tempo cotidiana.
- (B) o planejamento do tráfego urbano ganha com a utilização dos dados precisos gerados pelas novas tecnologias.
- (C) o comércio eletrônico substituirá as formas tradicionais de compra e venda, eliminando as lojas físicas.
- (D) o planejamento eficiente de tarefas cotidianas prescinde do uso das ferramentas das tecnologias da informação e comunicação.
- (E) o acesso tecnológico a conteúdos sobre educação para o trânsito gera condutores e usuários pouco qualificados.

Texto 4

Assim que toca o sinal indicando o fim das aulas, um grupo de alunos sai correndo das salas. Eles não estão com pressa de ir embora, como seria de se esperar após nove horas e meia de atividade escolar, mas para ir ao pátio, onde vão ensaiar para a fanfarra ou treinar handebol.

Em um colégio onde 30% dos alunos repetiam ou abandonavam os estudos, houve um receio inicial em aumentar o tempo de classe, com o período integral. A solução surpreendeu, fez aumentar o interesse dos jovens pelos estudos e melhorou os indicadores educacionais da unidade.

7 - No texto 4, o segundo período do primeiro parágrafo, em relação ao período anterior, mostra:

- (A) uma exemplificação;
- (B) uma justificativa;
- (C) uma explicitação;
- (D) uma quebra de expectativa;
- (E) uma incoerência flagrante.

8 - O segundo parágrafo do texto 4 desempenha um conjunto de papéis; o que é inadequado ao texto é:

- (A) mostra a mudança realizada no colégio citado;
- (B) justifica a atitude dos alunos, citada no primeiro parágrafo;
- (C) indica uma estratégia de renovação no magistério;
- (D) mostra uma etapa anterior aos fatos do primeiro parágrafo;
- (E) compara dois momentos da vida escolar.

Texto 5

A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado. Elas fracassarão como construtoras de conhecimento de alto nível.

A solução não está na volta do passado elitista, quando raríssimos jovens entravam em faculdades. A solução está no avanço, pelo qual todos que desejem um curso superior tenham um ensino médio com qualidade e possam cursá-lo com a base educacional que os tempos atuais exigem.

Nos últimos 20 anos, o número de vagas no ensino superior cresceu 503%, mas o número de jovens concluindo o ensino médio cresceu apenas 170%, e certamente sem melhora na qualidade. São 2,6 milhões de vagas no ensino superior para 1,8 milhão de concluintes do ensino médio. Em vez de dez a 15 candidatos por vaga, são 2,3 vagas por candidato. Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda e trará graves consequências na formação universitária no Brasil, ficando impossível ter boas universidades e faculdades, pois um bom ensino superior depende de boa educação de base. Eliminou-se o elitismo econômico e as boas e grátis universidades para os alunos que puderam pagar por boa educação de base.

Corretamente, os últimos governos criaram vagas, mas pouco fizeram para que toda criança tenha acesso a escola de qualidade. O governo Lula criou o ProUni, que paga a mensalidade dos carentes, que, por falta de bom ensino médio, não ingressam nas públicas. Abandonamos a busca da construção de uma elite intelectual, sem destruir o elitismo social. Assim não acumulamos conhecimento, consumimos aulas.

Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o I PNE. Esta revolução só será possível se fizermos da educação de base uma questão nacional como já fizemos como ensino superior. (...)

Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. Pode-se imaginar que o novo quadro incorporaria cem mil professores a cada ano, sendo lotado sem 10 mil escolas, em 250 cidades de

porte médio, atendendo cerca de três milhões de alunos. A revolução se faria de imediato nessas cidades, e em todo o Brasil levaria 20 anos. Ao longo desse período, o novo sistema de escolas federais iria substituindo o sistema tradicional municipal ou estadual. Ao final de 20 anos o custo total estaria em 6,4 do PIB.

Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, no qual as vagas sejam disputadas sem discriminação social em vez de oferecidas com discriminação social. Teríamos o bom elitismo, intelectual, com a mesma chance para todos, como no futebol. E sem mentira.

(BUARQUE, Cristovam. O Globo: 28/01/2012.)

9 - Com a argumentação desenvolvida no texto, o autor busca persuadir o leitor a concluir que:

- (A) a saída para a educação no Brasil pressupõe a execução gradual de um programa democrático de qualificação do ensino de base.
- (B) para reverter a situação atual da educação, o Brasil precisa fazer uma revolução destinada a mudar seu sistema político.
- (C) os últimos governos brasileiros ampliaram o número de vagas no ensino superior, promovendo a construção de uma elite intelectual.
- (D) a ineficácia de nossa educação com o processo de acúmulo de conhecimento é fruto do excesso de vagas no ensino superior.
- (E) o Brasil precisa ampliar sua visão político pedagógica, abrindo as portas do ensino superior para todos os seus cidadãos.

Texto 6

Um código, mil interesses

A votação do Código Florestal, que regulamenta a exploração de terras no Brasil, escancarou o tamanho de interesses divergentes que cercam o assunto. E mais: vem colocando à prova a eficácia de funcionamento da imensa base aliada que apoia o governo. Começando por esse capítulo, o leque de simpatizantes partidários do governo é de tal ordem que abriga, do mesmo lado, desde ambientalistas a ruralistas – segmentos sociais que vivem tradicionalmente às turras para fazer valer os seus direitos. No que se refere ao Código Florestal, um grupo levanta a bandeira da preservação ambiental a todo custo, enquanto o outro aponta que a atividade agrícola vem sendo tratada como algo ilegal, em diversas regiões, e que isso está comprometendo a competitividade do setor. O governo segue espremido entre os dois argumentos e a votação patina no Congresso. Quem está certo?

(ISTO É, 18/05/2011)

10 – O título dado ao texto 6 se justifica:

- (A) pelos numerosos interesses envolvidos no Código Florestal.
- (B) pelos interesses, em número de mil, que participam da votação do Código Florestal.
- (C) pelos interesses governamentais na aprovação do Código Florestal.
- (D) pelos interesses econômicos dos ruralistas na produção agrícola.
- (E) pelos interesses da oposição política ao governo na aprovação do Código Florestal.



11 - Deduz-se da leitura que:

- (A) os ciclistas e os motoristas são os mais injustiçados no trânsito;
- (B) todas as falas são atribuídas ao ciclista;
- (C) os pedestres estão sempre em situação perigosa;
- (D) os veículos motorizados são os que mais respeitam as regras de trânsito;
- (E) o menino da tira demonstra a mesma atitude diante de motoristas e ciclistas.



12 - Sobre os elementos presentes na charge, é correto afirmar que:

- (A) a culpa maior do futuro acidente cabe ao transeunte;
- (B) a culpa do motorista é agravada pelo fato de o transeunte estar atravessando na faixa de pedestres;
- (C) o celular do motorista deveria estar colocado em suas mãos e não no banco de trás;
- (D) ao transeunte não cabe qualquer culpa por estar distraído, digitando no celular;
- (E) os jovens são indiretamente criticados por serem os usuários mais frequentes de celulares;



13- A charge acima mostra uma crítica:

- (A) à forma modernamente egoísta de os jovens se comunicarem;
- (B) ao processo comunicativo tecnológico que isola as pessoas;
- (C) ao descaso de muitos jovens em relação ao sentimento dos mais velhos;
- (D) aos novos aplicativos tecnológicos que restringem a comunicação aos que estão afastados;
- (E) ao fato de muitas pessoas só saberem comunicar-se por meio de língua escrita.



14 - Depreende-se do texto CG2A1-II que

- (A) o acidente retratado foi causado pela imperícia do condutor.
- (B) o uso de aparelho celular ao volante, no trânsito, pode gerar prejuízos a outrem.
- (C) a personagem principal sabe que comete infrações de trânsito.
- (D) os condutores retratados sentem raiva pelo que acontece na cena representada.
- (E) o tumulto retratado deve-se ao fato de que há muitos carros em movimento na via.